



UM MUNDO PERFEITO

Leonardo Brum

PRIMEIRO CAPÍTULO

Um Mundo Perfeito © 2008 Todos os direitos reservados.

Terça-feira, 21 de novembro de 1995.

Ismael bocejou ante os primeiros sinais do Sol na linha do horizonte. Pedra-Luz aproximava-se mais e mais, e o mar tão calmo daquela manhã surpreendeu-o. Mesmo sendo aquele o melhor horário para levar as mercadorias, havia sempre o perigo das correntes, que poderiam de uma hora para outra virar o barco, e tal fato traria um enorme prejuízo. Os moradores da ilha, por outro lado, já pagavam tão caro pela remessa, e mais um atraso seria inaceitável.

Mas naquela manhã não havia corrente alguma. Nenhuma onda que não fosse branda.

Graças a Deus.

Quem passasse por ali não poderia imaginar que naquela região já haviam sido derrubados mais de 250 barcos nos cem anos de fundação de Pedra-Luz. Por isso chamavam aquele lugar de Golfo Tremo. Muitos marinheiros já viram as coisas ficarem realmente trêmulas quando passaram por ali, e muitos foram mesmo tristes testemunhas do fim do mundo.

Os registros históricos apontavam o desembarque freqüente de pelo menos nove grandes piratas na região durante o século passado, famosos pela pilhagem de inúmeros navios no Mar Mediterrâneo, bem como em toda a costa européia, e que utilizavam a ilha como porto seguro por causa do difícil acesso. Naquela época, em que as águas de todo o mundo eram ambientes inóspitos aos homens, somente os navegadores mais audaciosos conseguiam chegar até ali, onde então deixaram riquezas inestimáveis. Para os navegadores menos experientes, tal façanha era um pesadelo tenebroso e instigante que transformava em tragédia a maior parte dessas viagens intrépidas.

Os moradores chegaram até a construir um depósito de naus na parte oeste da ilha há mais de 70 anos, o qual foi depois desativado por falta de espaço. Se tudo continuasse, Pedra-Luz inteira transformar-se-ia em um verdadeiro cemitério de embarcações, desde a febre das pedras preciosas no início do século e, particularmente, dos diamantes azuis.

Morar em um lugar tão distante devia ser particularmente difícil para aquelas pessoas, enfiadas em um espaço tão pequeno no meio do mar imenso – pensou Ismael, enquanto checava o nível de combustível do barco. Sabia que ali eram poucas as plantações, e os moradores pagavam caro pelo alimento que vinha do continente.

As pedras preciosas haviam se extinguido, e eles não deviam estar bem das pernas.

O farol da ilha, que o guiara até a chegada dos primeiros raios de Sol, soltara o último clarão de luz. Embora tenha passado os últimos vinte e três anos sem que os moradores fizessem nenhum tipo de manutenção, o aparelho luminoso ainda funcionava perfeitamente. Encomendado em 1902 diretamente da casa Barbier, Bernard e Turenne, em Paris, foi denominado Farol da Guarda, e sua inauguração foi, inclusive, condecorada com a visita do presidente da República em uma enorme festa que não conseguiu hospedar todos os convidados na ilha. Muitos deles tiveram de assistir à cerimônia em navios que ficaram rodeando a orla marítima de um lado a outro. A torre do farol tinha uma altura de 30 metros, e a plataforma octogonal abrigava um aparelho luminoso de terceira ordem com queimador a querosene, a mais recente e mais cara

tecnologia da época.

Naquela noite de festa, entretanto, inúmeros acidentes ocorreram com os navios que passaram pelo Golfo Tremo, levando para o hospital de Vitória um enorme número de feridos. Mas esse detalhe, para evitar maiores constrangimentos do presidente e para não abalar a própria inauguração do farol, foi deliberadamente omitido da imprensa.

Inúmeros marinheiros mudaram-se para Pedra-Luz, desejosos de encontrar tesouros ainda ocultos, e muitos deles acabaram realmente por encontrar verdadeiras riquezas enterradas naquelas terras vermelhas, enriquecendo-se da noite para o dia, erguendo ali inúmeras propriedades e permanecendo na ilha a partir de então. Nessa época, já sem a intervenção dos piratas na região, conta-se da descoberta, por um grupo de marinheiros, de ouro entesourado em águas próximas dali, guardado em baús estrategicamente posicionados no fundo do mar. De outro modo, algumas famílias muito ricas também passaram a construir propriedades em Pedra-Luz, enxergando ali um paraíso de paz de espírito ou mesmo pela pura condição de *status*. Como consequência desses acontecimentos, diversas mansões passaram a predominar em toda a região durante os anos que se seguiram.

Além do farol, apenas o elegante palacete de dom Luiz Pereira podia ser visto com clareza a distância. Fora decorado com paredes de vidros de diferentes tipos e tinha uma estrutura metálica que impressionava a vista. Seu avô, sir Luiz José Pereira, havia sido o fundador da ilha, e fora ele quem descobrira a riqueza mineral que se espalhava por todo o local no fim do século passado. Era um incansável marinheiro que já havia navegado pelo mundo todo, ficando depois conhecido como o Lobo do Mar. Quando descobriu a região, ficou encantado com as riquezas deixadas pelos piratas. Juntou, então, todas elas e as guardou em um lugar seguro, onde os piratas não pudessem encontrá-las. Mas foi capturado pelos homens do terrível Laurel Wind, que exigiram que ele lhes devolvesse as jóias roubadas. A uma dessas jóias, um belíssimo diamante azul quase tão grande quanto uma bala de canhão, os piratas atribuíam poderes mágicos, e disseram que iriam enterrá-lo vivo se não a devolvesse imediatamente. Wind era um pirata *zulkano*, como também era conhecida sua estirpe, descendente de uma tribo sanguinária indígena de mesmo nome oriunda do norte dos Estados Unidos. Por quase dois meses, permaneceu em um cativeiro que quase o fez desistir de guardar segredo, passando por torturas e provações que lhe causaram fome, frio e febre. Mas, antes que se desse por vencido, conseguiu enganar um dos homens do capitão, convencendo-o a soltá-lo em troca da promessa de deixar parte da fortuna em seu poder.

Conta-se que assim que ele conseguiu pôr os pés na ilha novamente, estendeu sob a luz do Sol o diamante azul em suas mãos e ficou encantado com tamanha maravilha. – *Gostaria que Laurel Wind e todos os seus homens morressem e me deixassem em paz com esta riqueza.* – disse ele – No dia seguinte, para a sua surpresa, ficou sabendo que o navio do pirata mercenário havia sido destruído em uma terrível batalha no meio do Oceano Atlântico.

A partir daí, passou-se a acreditar que quem encontrasse um diamante azul poderia ter qualquer desejo realizado.

Em todos os anos que se seguiram à derrota de Laurel Wind, conta-se que sir José derrotara todos os piratas que passaram pela ilha reivindicando parte da riqueza acumulada.

Entretanto, da fortuna apropriada pelo Lobo do Mar e guardada em segredo por ele durante

tantos anos, ninguém mais teve notícia. Alguns afirmavam que ela estava enterrada em alguma parte da ilha. Carlos Pereira, o filho do destemido marinheiro, afirmara que o pai jamais lhe contara sobre o paradeiro das jóias, sob o pretexto de que seria para o seu próprio bem. Uma vez ele sussurrou-lhe no ouvido que o diamante era muito traiçoeiro e que só trazia infelicidade. Mas, em meio a uma história que, por falta de comprovação, terminou por se transformar em lenda, diziam que foi fazendo uso da riqueza dos piratas que sir José erguera o suntuoso palácio onde passou a residir, herdado pelo filho logo após a sua morte. Conta-se, ainda, que sir José se suicidou em circunstâncias muito estranhas, até hoje pouco esclarecidas.

A terceira e a quarta descendências da família Pereira moravam atualmente na ilha: Dom Luiz e seu filho, Resnard. Ambos eram muito recatados e viviam praticamente o tempo todo reclusos no palacete construído pelo Lobo do Mar. Tinham poucos amigos e pouco se sabia deles.

A lenda, nos dias de hoje mais restrita à curiosidade dos turistas, dera a Pedra-Luz sua maior referência. Os guias, fazendo comércio com a história da região, enfatizavam que, no dia em que sir Luiz encontrara o diamante azul, viu, em uma das rochas da ilha, uma inscrição talhada com algum instrumento pontiagudo onde se podia ler, em enormes letras:

VIESTE AQUI. JAMAIS RETORNARÁS.

Contam eles que sir Luiz teria sido capturado apenas algumas horas depois pelos homens de Laurel Wind.

Entretanto, se à inscrição tivesse sido atribuído valor de profecia, ela havia se concretizado como realidade no lugar, já que a ilha tinha atraído tantas pessoas que fizeram dela a sua morada definitiva e que geraram inúmeros descendentes que viveram por muito tempo no luxo e conforto proporcionado pela descoberta de pedras preciosas na região.

O rádio do barco chamou, e só então Ismael despertou de vez. Parecia que os ares de Pedra-Luz estavam impregnados de uma vontade imensa e inescusável de dormir.

– Ismael na escuta, senhor. Câmbio.

Ouviu apenas uma profusão de ruídos.

– Pode falar, câmbio! – berrou no aparelho.

– Alô? Está me ouvindo, Ismael? Faça contato!

– Aqui Ismael! – gritou novamente. – Tudo tranqüilo! Chegando à ilha, câmbio!

Depois a transmissão foi interrompida, cessando também os inúmeros ruídos. – *Será que essa porcaria estragou?* – pensou, jogando o aparelho no chão do barco. Havia dois anos que não faziam manutenção na Central Foods.

Olhou para o mar novamente. A mesma mansidão incomum. Parecia que aquela seria a viagem mais fácil que já havia feito pelo Golfo Tremo. Inacreditável. A ilha estava a cerca de 40 metros. Olhou o relógio: 15 para as seis. Estava aportando cerca de meia hora antes, e os carregadores nem mesmo haviam chegado à prainha para receber a remessa combinada. Não viu a camionete do padeiro também, que distribuía as mercadorias aos diversos estabelecimentos na ilha.

Atracou o barco ao pequeno ancoradouro improvisado e desligou o motor. O contato com a

terra trouxe alívio. Era tão bom poder colocar os pés em chão firme novamente.

Poderia adiantar as coisas. Começou a arrastar as caixas de frutas e de alimentos para a beirada do barco. Poderia começar a levar as coisas também, mas lembrou-se, então, que não recebia pelo frete das mercadorias.

Olhou de um lado a outro. Ninguém à vista. Nem mesmo Ronaldo aparecera com a velha camionete vermelha para ajudar no transporte. Todos ainda deviam estar dormindo e até sonhando. Em algum lugar por ali havia um som de música. Distante e ao mesmo tempo desagradável, uma batida irritante e contínua.

Sentou-se em um canto entre as caixas e resolveu esperar. Mas aquele sono displicente ainda o perseguia, e pensou que não haveria problema em descansar um pouco até que aparecesse alguém.

Acordou num susto com um silvo agudíssimo vindo do alto. No que abriu os olhos, ainda viu uma sombra deslizando sobre a superfície. Levantou-se e pôde ver o vulto de um pássaro atravessando rapidamente as árvores mais distantes da ilha.

– Deus do céu... – disse, curioso e intrigado com a envergadura do animal.

Um vento frio atingiu-o em cheio, fazendo com que ele cruzasse os braços sobre o peito. Em um ato reflexo, checou o relógio, imaginando que havia dormido demais. Haviam-se passado 50 minutos desde que tinha chegado. Olhou em volta, procurando por alguém para desculpar-se.

Mas não havia ninguém à vista. Conferiu as mercadorias. Todas estavam da forma como as havia deixado.

Mas será que estiveram aqui? Será que me viram dormindo? – pensou, aflito, achando que receberia um sermão do chefe da Central quando retornasse a Vitória.

Saltou do barco imediatamente. Atravessou a prainha e seguiu até a via principal da ilha, perfeitamente cimentada, em direção aos armazéns.

Em todas as vezes que viera trazer as mercadorias, tinha permanecido no barco. Mais por comodidade, já que quando lá chegava, suas pernas já reclamavam de cansaço. Era uma viagem e tanto.

Aproveitaria, finalmente, para dar uma volta por ali.

As casas da pequena ilha despontavam elegantemente à beira da estrada. Em Pedra-Luz não havia uma só que fosse apenas razoável. Aliás, aquela era a principal razão de sua empresa vender tanto e a um preço tão alto naquela região.

Mas será que as pessoas eram felizes vivendo em um lugar deveras isolado como aquele? – sentiu um arrepio só de pensar em ficar longe da agitação das ruas de Vitória.

Sempre fora adepto da religião católica, mas costumava dizer que era um “religioso de vanguarda”, porque se mantinha muito aberto às teorias mais modernas sobre a espiritualidade e a paranormalidade. – *Talvez as pessoas em Pedra-Luz viveriam melhor se houvesse pelo menos uma igreja por aqui* – pensou, chutando uma pedra no caminho. – *Ao menos teriam quem ouvisse suas súplicas e poderiam dividir a culpa de seus pecados.*

A janela aberta de uma casa à esquerda denunciou a origem da música distante que ouvira momentos antes. Não era, de fato, uma música. Alguém havia se esquecido de tirar o disco da vitrola, e a última nota vinha soando pesada e eternamente, o último agudo de uma canção talvez familiar. Premiu os ouvidos enquanto passava.

– Desliga isso aí!– gritou, e sua voz ecoou pela estrada.

Ouviu um telefone tocar em algum lugar.

Havia também uma casa enorme e majestosa de dois andares cuja construção lembrava a de um sobrado. Uma longa via de acesso, toda molhada, dividia com um imponente jardim a parte da frente e levava até a porta principal. A água escorria de uma mangueira deixada no meio do caminho. – *Que desperdício!* – pensou Ismael, lembrando-se do sacrifício que era pagar as contas de seu pequeno apartamento, onde morava com a esposa e o filho pequeno.

O luxo das casas fascinava seus olhos. Zombavam-lhe as curvas sinuosas das fachadas, e já estava se sentindo o homem mais pobre do mundo, quando, finalmente, viu o armazém onde deveria entregar a maior parte da remessa daquele dia.

– Seu Gonçalves! – chamou ao descer pela pequena via de paralelepípedos.

Uma placa redonda com letras antigas indicava o nome da mercearia: Cantina do Navio. Fez soar a campainha do balcão. – *Deveria haver alguém na recepção* – pensou enquanto esperava. – *Seu Gonçalves tinha um medo injustificado de assaltos.*

E se ele um dia tivesse mesmo uma Ferrari... – riu-se, o grande sonho do velho. Desde que era menino, segundo o proprietário da Cantina lhe havia contado uma vez, quando Ismael lhe entregara as revistas de veículos que ele pedia todo mês. – *Ele talvez até dormiria no carro para não largá-lo sozinho à noite.*

Vendo que ninguém aparecia, abriu a portinhola do balcão e seguiu até o escritório.

– Cadê todo mundo?! Seu Gonçalves!!! – gritou mais uma vez, passando a mão em um bocado de chicletes na banca de doces.

Não viu ninguém pelos corredores. Imaginou que os empregados deviam estar todos em reunião, e, assim, chegando à porta do escritório, bateu três vezes. Em seguida, entrou.

– Olá...

A mesa de seu Gonçalves, repleta de papéis espalhados, estendia-se por quase metade da sala. Em cima de todos os papéis havia uma nota fiscal preenchida pela metade. Tomou-a nas mãos. Uma compra datada de 20 de novembro de 1995.

Ontem – lembrou-se. Na mesma nota viu o nome da Central na parte de cima. Era a sua nota.

Um estrondo invadiu o ambiente fechado do escritório, o susto o fez gritar. Então percebeu que era apenas o telefone que tocou. E achou aquilo muito bom, porque alguém da loja iria finalmente aparecer para atendê-lo. Ficou observando a porta a sua frente. O aparelho tocou novamente. Logo parou. Segundos depois, nova tentativa. Depois o silêncio. – *Será uma emergência?* – pensou, no instante em que ouviu, aflito, nova seqüência de toques. Então o atendeu.

– Alô!

Do outro lado, um inesperado silêncio.

– Alô!

Largou o fone. A sua natural timidez o impediu de falar uma palavra obscena, embora quisesse naquele momento dizer o que não podia. Decidiu voltar mais uma vez à recepção. Talvez alguém tivesse voltado.

Antes de sair, entretanto, ouviu nova seqüência de chamadas e, intrigado com tudo aquilo,

tomou o fone mais uma vez nas mãos. Ouviu uma confusão de sons, da mesma forma como no rádio da Central. Colou o ouvido ao telefone e gritou:

– Alôôôô!!!!!!

Uma voz grave e ao mesmo tempo gutural veio arrancando-lhe os ouvidos:

– SEU IDIOTA, SAIA DAÍ! QUER ME ENFRENTAR? VOCÊ ESTÁ NO LUGAR ERRADO, IMBECIL!

Ismael largou o aparelho e saiu do escritório em disparada. O sangue subiu-lhe nas veias, em um choque que o deixou aterrorizado.

Tinha mesmo escutado aquilo?

As mãos tremiam. Apertou os lábios com força, como se tivesse engolido ácido. Passou rapidamente pelo balcão da recepção vazio e ganhou a rua. Estava confuso, terrivelmente confuso.

Ninguém nas ruas novamente. Atravessou a estrada e entrou na casa vizinha aos prantos.

– Socorro! Tem alguém aí?

Havia, na varanda, vários brinquedos de criança espalhados pelo chão. Passou voando pela sala, onde a TV, ligada, mostrava uma tela completamente azul. Um vaso quebrado no chão do corredor. Um cheiro nauseabundo impregnava o ar, e correu até a cozinha. Do fogão, o gás escapava de um dos botões acionados. Viu uma caixa grande de fósforos caída no chão e diversos palitos espalhados.

Uma aflição ainda maior começou a percorrer-lhe o espírito. Não havia ninguém ali.

Voltou à via principal com os olhos arregalados, olhando para todas as direções.

Uma atmosfera densa espalhava-se entre as casas, por sobre a estrada e seu asfalto insensível, morta diante do lúgubre silêncio que tomara conta dali. E a mais perceptível e completa ausência de vento. Nada, absolutamente nada atravessava os ares. Não havia nenhum sinal de pássaros. Movimento nenhum.

Cerca de cem metros depois, entretanto, ouviu em algum lugar um som de motor de carro. Aliviado, apertou o passo. Finalmente poderia perguntar a alguém o que exatamente estava acontecendo.

– Ei! Olá! – aproximou-se e viu um Chevrolet bastante antigo, modelo 75, talvez. Estava parado em frente a uma garagem, a porta do motorista completamente aberta. O motor roncava baixo em ponto morto, e ele sentiu imediatamente o cheiro da gasolina se espalhando no ar. O portão da casa estava também aberto, alguém provavelmente entrara às pressas em busca de alguma coisa que tivesse esquecido.

Não pôde esperar. Passou direto pela garagem e entrou rapidamente pela porta principal.

– Desculpa eu entrar assim, mas é uma urgência...

Mas um pressentimento antes camuflado agora se tornava evidência. Ninguém respondeu ao seu chamado.

A TV da sala mostrava a mesma tela estática, como se o canal estivesse fora de conexão. Chegou até o quarto ao lado da sala, aguardando pelo que talvez fosse inevitável.

Curiosamente, havia três peças de roupa estendidas sobre a cama. O frasco azul de um perfume francês aberto sobre o criado-mudo. Notou um papel caído no chão, próximo do grosso tapete persa. Tomou-o nas mãos. Era um convite para uma peça de teatro em Vitória. Uma

comédia. O bilhete dizia que o espetáculo iria começar às dez horas da última noite.

Engoliu em seco, e então começou a chorar. Sentia-se agoniado diante do mesmo quadro que parecia se repetir de casa em casa naquela ilha.

Nem mais se preocupava com as mercadorias que havia deixado próximas à rua principal. O perigo que passara por ali parecia ser outro pior do que ele poderia imaginar, e necessariamente imprevisível.

Já na calçada, olhou em volta e não viu nada além da mais silenciosa e indecifrável solidão. – *O que está acontecendo?* – pensou, em evidente impotência. Parecia estar tendo um sonho ruim.

O relógio marcava seis e quinze. – *Não pode ser só isso...* – pensou. Olhou mais de perto. A bateria havia acabado.

Largou um suspiro cansado sobre a estrada muda.

– Meu Deus... – deitou no chão da via e começou a chorar – O que aconteceu com os moradores deste lugar?

Subitamente ouviu alguém gritar seu nome, e ficou feliz por haver um alguém. Levantou-se num ímpeto. Era Mário.

– Ismael? – gritou o colega da Central, acenando para ele.

– Venha aqui! Rápido!

Mário era um cara bastante esperto e surpreendentemente ágil, apesar da barriga que sobrava farta por debaixo da camisa. Vivia dizendo que ia começar uma dieta, mas nunca se empenhara em fazê-la.

Chegou ofegante e preocupado.

– O que aconteceu? O chefe lá em Vitória pediu pra vir atrás de você. Não conseguimos contato pelo rádio...

Ismael estava visivelmente confuso. Limpou as lágrimas e apontou o dedo indicador para as casas em volta deles.

– Mário, me diga uma coisa, por favor... onde é que estão as pessoas?

O outro cerrou as sobrancelhas. Também havia notado o intrigante silêncio em que se encontrava a ilha. Como se a cidade inteira, de uma hora para outra, houvesse saído para as férias de verão.

– Sumiu todo mundo! – continuou Ismael. – Seu Gonçalves, o pessoal do armazém, as pessoas das casas...

Mário indicou o Chevrolet com o motor ligado, e Ismael interrompeu-o no instante em que ia dizer alguma coisa.

– Não há ninguém lá. Já tentei...

– Eu não vi nenhum pássaro desta vez – comentou Mário. – E olha que aqui costumava ter muitos sobrevoando as nossas cabeças. Gaivotas, principalmente.

– Não há pássaros – confirmou Ismael, e apontou. – Veja aquelas árvores ali no fundo, perto do farol. Também não há vento algum. Nenhum movimento.

Naquele instante, Mário sentiu um calafrio. Pareceu ter escutado uma voz feminina a sussurrar-lhe no ouvido direito, e imediatamente se virou. Seu rosto encheu-se de horror súbito.

Num átimo de segundo, jogou-se sobre o amigo, fazendo com que ambos caíssem de mau

jeito sobre o asfalto.

– Está louco? – berrou Ismael, e só então viu, perplexo, o enorme pássaro negro passar por cima, muito rente a eles. Mas não era um pássaro como os outros. Era de um aspecto de tal modo grotesco que os dois ficaram desorientados.

– Meu Deus, o que é aquilo? – Mário perguntou, boquiaberto, enquanto via o animal se afastar para além das árvores.

– Ia nos atacar!

Ismael lembrou-se de que já havia visto tal criatura antes, logo que chegara ali.

Um cheiro terrível invadiu suas narinas. Como o de bicho apodrecendo.

– Escute, Ismael – disse Mário, tentando se recompor. – Deve haver algum lugar para onde as pessoas tenham ido, talvez uma festa-surpresa, férias de verão, à praia, sei lá... Um acontecimento de última hora, talvez. Mas vamos continuar procurando. Não vamos ficar imaginando coisas.

A costureira frieza de espírito de Mário servia para tranquilizar Ismael, que ora sentia evidentes tremores de medo. Mas acompanhou-o até o barco, e a todo momento olhava para o alto, com medo de que fossem atacados outra vez.

– O que acha que era aquilo, Mário?

O amigo havia vindo em um barco menor, normalmente usado na fiscalização da entrega das mercadorias. Naquele instante, ele retornava da cabine com uma caixa de ferramentas nas mãos.

– Apenas um pássaro, porra! Se nos atacar de novo, vamos usar isto aqui – e deu-lhe uma faca, guardando outra consigo.

– Não acha melhor pedirmos ajuda?

– Para quê? – ele retrucou. – Por causa de um pássaro selvagem? Por causa de um bando de loucos que foram à festa e se esqueceram de fechar a porta de casa?

– Acha mesmo que é isso? – Ismael subiu em seu barco, guardando as mercadorias na sombra.

– O mais provável. E levaram também as crianças. Ou você acha que aquele pássaro engoliu todo mundo?

E botou as mãos em garra nos ombros de Ismael e, com os olhos arregalados, imitou um uivo que mais pareceu o de uma gazela. Então sorriu.

Entretanto, Ismael estremeceu só de pensar. Não parecia ser mesmo uma ave, mas um morcego gigante, algo assustador. Chegara a ver suas presas. Nunca tinha visto nada assim antes em sua vida. Nem mesmo nas sessões de Zita, que presenciara há tantos anos.

O Sol continuava imenso e forte sobre Pedra-Luz. Ismael lembrou-se de que havia visto luzes no farol naquela manhã, pouco antes de ancorar.

– Ok. Vamos ganhar tempo – disse Mário. – Talvez tenhamos alguma emergência.

Até mesmo ele já dava sinais visíveis de preocupação ante o silêncio impenetrável da ilha.

– Vou dar uma busca nas casas, enquanto você olha o farol – disse, ajustando o cinto sob a enorme barriga.

Como o farol não estava longe, Ismael resolveu atender ao pedido do colega. Mas ainda sentia muito medo. Talvez não devesse ir só.

– Qualquer coisa, dê um grito – pediu Mário.

– Você também.

O que quer que tenha acontecido em Pedra-Luz, o farol havia sido testemunha de tudo. Era o guardião fiel contra os perigos da ilha. Contra o terror das correntes do Golfo Tremo. E agora apenas observava, contemplava mudo e cúmplice, inerte e inútil, a solidão impenetrável e reinante, entrecortada apenas pelo murmúrio de ondas quebrando mansamente na costa.

Ismael atravessou uma pequena estrada repleta de árvores às suas margens. Empunhava o facão e procurava ficar atento a qualquer detalhe, qualquer tipo de som que indicasse perigo. Mas as árvores, como o farol, pareciam ter-se congelado no tempo, pairavam em muda paralisia, como se fossem feitas de pedra. Uma paisagem morta em um quadro. Não havia movimento ou som algum.

Subiu o morro onde se estendia o farol. Pareceu-lhe bem maior do que supunha quando o tinha avistado do barco. A torre tinha cerca de três metros de diâmetro, e talvez uns 20 ou 30 metros de altura. De lá de cima, poderia ter uma vista de 360 graus. Olhou para o alto e viu a cúpula de vidro e, dentro dela, cintilando ao Sol, a imensa lanterna apagada.

A pintura azul em sua parede circular tão gasta depois de décadas podia ser uma referência ao maior símbolo da ilha, o grande diamante azul. Havia visto muitas casas pintadas dessa cor, como também eram pintados todos os bancos da Praça dos Nove, situada na parte mais baixa de Pedra-Luz.

A porta de madeira também precisava de reparos, pois já apodrecia em toda a parte inferior. No lugar da maçaneta, havia apenas um buraco circundado de lascas que começavam a se soltar. Esforçou-se para empurrá-la, mas viu que estava emperrada. Tomou um impulso e jogou o corpo contra a madeira, ouvindo um ranger pesado quando ela finalmente cedeu.

Lá dentro pairava certa penumbra, notava-se um resquício de luz proveniente da cúpula lá em cima. Passou pela pequena mesa na entrada e subiu a escada helicoidal de madeira, ansioso para ter uma visão privilegiada da ilha lá de cima. O piso rangia pesadamente sob seus pés. A relativa escuridão foi se dissipando até que finalmente ele chegou à cúpula transparente.

Um susto o fez parar. Um homem velho e muito magro, mas elegantemente vestido, estava sentado na beirada da cúpula, rente ao vidro, observando alguma coisa lá embaixo. Não havia notado a presença dele ainda, ou, se o tivesse visto, não demonstrara nenhum interesse. Ismael aproximou-se rapidamente, satisfeito por enfim ter encontrado alguém por ali.

– Senhor? – apalpou-lhe o ombro.

Mas o velho continuava com a cabeça encostada contra o vidro, e parecia incomunicável. Mantinha as mãos dentro do bolso do *blazer* azul e não se mexia. Ismael insistiu:

– Onde estão as pessoas da ilha? Por que todas... sumiram?

O velho baixou os olhos e disse, finalmente, em tom melancólico:

– Eles foram para onde os seus corações mandaram.

E, sem mais palavras, voltou os olhos na direção do mar.

O velho está insano! – pensou, desapontado.

– Qual é o seu nome, senhor?

Seu semblante transparecia uma solidão profunda, um isolamento mais forte que qualquer curiosidade por ver outra pessoa na ilha após os estranhos eventos que se fizeram realidade.

Como se a solidão fosse, afinal, o caminho mais seguro.

Subitamente, rompendo a rigidez da posição, o velho tirou rapidamente as mãos do bolso e apontou (foi quando, num relance, Ismael viu em seu dedo indicador uma insígnia com a cabeça de um lobo). Começou a agitar freneticamente os braços e fitou-o, com os olhos bastante úmidos. Ismael, então, aproximou-se e, através do vidro, viu a ilha lá embaixo.

Na estrada, um vulto estendido no chão. Um corpo... MÁRIO!

– Não!

Desceu a escada com tamanha pressa que acabou tropeçando nos últimos degraus, caindo violentamente sobre a mesa, que se partiu sob seu peso.

– Merda! – gritou, segurando com as duas mãos o joelho. Mas não podia parar. Continuou andando, e a dor foi dando lugar ao desespero de querer chegar.

– Mário!

Lá na estrada, o amigo não se mexia.

– MÁRIO!

Quando chegou mais perto, o horror tomou-lhe de vez a consciência.

– Não!!!! – ajoelhou-se próximo de onde ele estava. Tinha medo de encarar o que estava acontecendo à sua frente, e em choque começou a tremer.

Se não fossem as roupas, seria difícil reconhecer o colega da Central Foods.

O corpo de Mário estava inteiramente esvaçalhado. Dois buracos tomavam o lugar dos olhos inexistentes. Havia lhe arrancado partes dos braços e do rosto. O peito mostrava-se como uma enorme ferida aberta.

Uma mancha vermelha cada vez maior escorria no asfalto quente.

– Ahhhh... Meu Deus! O que está acontecendo aqui?

No curto espaço de tempo entre seus berros, um silêncio ensurdecedor que doía até a alma.

Correu até a casa mais próxima e tomou um telefone. Chamar uma ambulância, chamar por alguém, ALGUÉM!

Mas o telefone, mais uma vez, não dava linha.

– Alguém me ajude!

Temendo perder os sentidos, bateu em disparada até o seu barco. Com o auxílio de uma corda, atou os dois barcos e deu partida. Queria sair dali o mais rápido que pudesse.

Somente a cerca de 50 quilômetros dali conseguiu contato com a Central.

Ao fundo, lá na ilha, o homem do farol acompanhava a fuga desenfreada do marinheiro. Mais uma lágrima desceu-lhe pelo rosto, e culpava-se terrivelmente por tudo o que havia acontecido.

Mas ele próprio não sabia, jamais poderia imaginar...

Não havia nem mesmo pedido nada, apenas queria... – um pensamento ruim trouxe-lhe um calafrio que se espalhou por todo o seu corpo. – Aquela coisa estava lá fora, da mesma forma como acontecera com seu bisavô havia cem anos.

Mas por que estava ali sozinho? O que exatamente acontecera com todo mundo?

Depois limpou as lágrimas e deu um suspiro profundo. As pessoas também haviam tido sua parcela de culpa. Seus sonhos tolos. Suas vidas medíocres. O espírito humano era tão frágil, e o silêncio era cruel. Não perdoava. (CONTINUA...)

LEONARDO BRUM



**Um pacto sinistro
assinado com o suspense
marcante e visual.**

A primeira edição do livro *Um Mundo Perfeito* já está esgotada na Editora, mas ainda é possível encontra-lo em algumas grandes livrarias.

**Previsão de lançamento da Segunda Edição:
Fevereiro de 2.011.**

Em 2.011: aguardem, ainda,
o **novo lançamento** de Leonardo Brum
nas livrarias em todo o país !!



www.leonardobrum.com.br